CIDADÃO QUEIROZ

UM NOVO CURITIBANO

República

Estado do

Cidadão Hono

Os Poderes Municipais de Curitiba, no uso de suas

nº 11, datado de 13 de maio de 2024, de autoria

Luiz Fernan

o Título de Cidadão Honorário de Curitiba, para

Palácio Rio Branco, 0

Vereador Osias Moraes
Autor do Projeto do Decreto Legislativo

Federativa do Brasil

Paraná - Município de Curitiba

rário de Curitiba

atribuições legais e tendo em vista o Decreto Legislativo
do Vereador Osias Moraes, conferem ao Senhor

do de Queiroz

o que mandaram expedir o presente diploma.

4 de junho de 2024.

Vereador Marcelo Fachinello
Presidente da Câmara Municipal de Curitiba

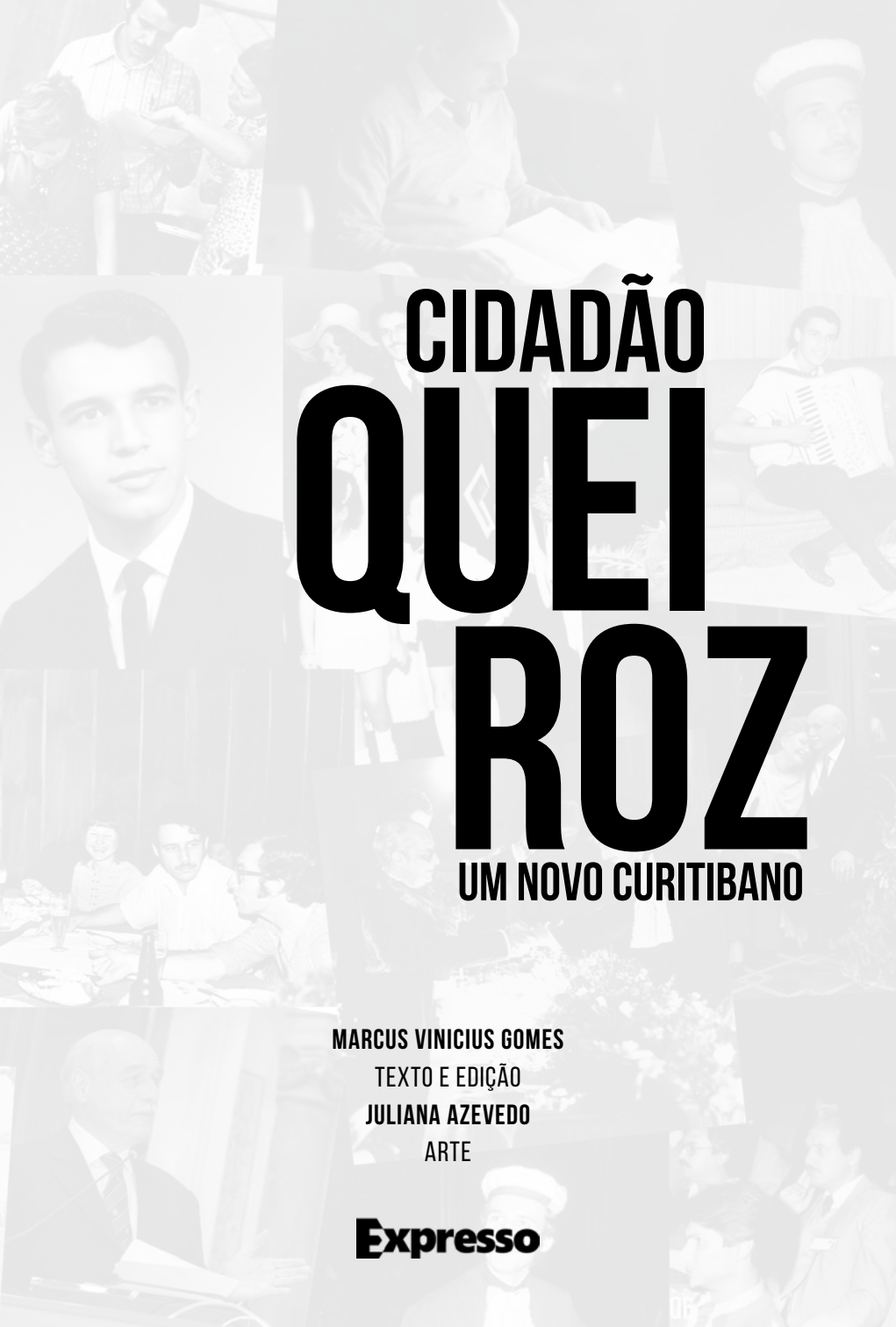
CIDADÃO QUEIROZ

POR OCASIÃO DA ENTREGA DO TÍTULO DE CIDADÃO
HONORÁRIO DE CURITIBA A **LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ**

4 DE JUNHO DE 2024

Acesse esta versão também em inglês

You can also access this version in English



CIDADÃO QUEIROZ

UM NOVO CURITIBANO

MARCUS VINICIUS GOMES
TEXTO E EDIÇÃO
JULIANA AZEVEDO
ARTE

Expresso

Sumário

APRESENTAÇÃO.
A arte de empreender 09

DISCURSO DO CIDADÃO QUEIROZ.
Um passeio de seis décadas 31

Palavras de Queiroz 33

Chegada a Curitiba 35

Carteira de motorista 37

Manifestação estudantil 39

Belos olhos 43

Vida de estudante 49

Duas promessas 51

Espetinho de sábado 53

Direito imobiliário 57

Garantia de condomínio 61

Uma tarde inspiradora 63

Um dia desafiador 65

ACGB em ação 67

DESFECHO.
Agradecimento final 71

Curitiba sempre 73

ÁLBUM DE FOTOS.
4 de junho de 2024 77

NA TRIBUNA DA CÂMARA.
Para o novo cidadão 91

Osias Moraes : "Só quem vai além pode ser homenageado" 93

Heros Sandano: "Dr. Queiroz, hoje Curitiba está fazendo a sua adoção oficial" 97

CIDADÃO HONORÁRIO E CURITIBA.
Lista de homenageados em 2024 101

APRESENTAÇÃO.

A arte de empreender

Marcus Vinicius Gomes

Queiroz na noite em que recebeu o título de Cidadão Honorário de Curitiba.

Luiz Fernando de Queiroz construiu uma rede de empresas a partir de uma ideia. Atuando no direito imobiliário, área que escolheu para o exercício da advocacia, ele encontrou facilidade no que os condomínios encaravam como dificuldade. Nos anos 1970, a cobrança das taxas condominiais que garantiam as despesas de prédios residenciais no novo cenário urbano das capitais não se dava de maneira simples. Era preciso despachar avisos, organizar listas de inadimplentes, orientar o síndico e contratar advogados e assistentes jurídicos para acionar a justiça quando as tentativas de acordo se mostravam infrutíferas. Sem o equilíbrio de receitas e despesas, o condomínio se tornava inadministrável e "quebrava".

A solução encontrada por Queiroz foi pôr abaixo o muro da dívida, antecipar a receita dos condomínios em 100% e só então mirar na inadimplência. A ordem era sempre buscar a ne-

gociação. "Ninguém deve porque quer", afirmava. As ações judiciais, por essa razão, seriam encaradas como um ponto fora da curva. A partir desse conceito, sedimentou um novo negócio no país e fez escola.

O modelo de garantia do condomínio implantado por Queiroz é um capítulo à parte. As empresas sob sua guarda, na verdade, formam menos um grupo e mais uma federação. Há uma diretriz básica que parte do escritório central, mas cada uma das garantidoras tem autonomia para tomar suas próprias decisões.

Nas décadas seguintes, Queiroz concentrou suas atividades no direito imobiliário, mas estendeu seu interesse acadêmico e jurídico para outros setores do direito. Em 2015, depois de escrever diversos livros com a temática condominial, ele aventurou-se na busca de um método que sistematizasse e desse clareza aos milhares de artigos de lei brasileiros. Assim, foi publicado o "Facilitador do Novo CPC", seguido por mais sete volumes, os quais ora evidenciam uma lei específica, ora perpassam por normas reunidas em torno de um mesmo tema. O Código Civil e a Constituição no primeiro caso; o direito do consumidor e as normas condominiais no segundo, entre outros. Todos com o selo da

Editora Bonijuris, fundada por ele e pelo representante comercial Gerson de Morais Garcez em 1989.

De uma maneira moderna, ao criar e refinar o método, Queiroz resgatou um quinhão dos glosadores e outro dos comentadores do direito romano, especialistas que se dedicavam a primeiro anotar e depois analisar e dar luz a pontos obscuros das leis em vigor, que por sua vez eram utilizados para oferecer aos tribunos a devida aplicação prática e crítica da legislação.

O que vai adiante é um passeio de décadas pela vida de um catarinense que adotou Curitiba antes mesmo que ela o adotasse.

Os baianos Queiroz

Queiroz nasceu em Joaçaba, Santa Catarina, em uma sexta-feira 13 de agosto de um ano bissexto, 1948. Se há alguma superstição associada à data, ele nunca se importaria com isso. De qualquer maneira, não foi um dia ruim. Nem um mau começo.

Queiroz é o quinto dos sete filhos do advogado baiano Alexandre Muniz de Queiroz e da professora catarinense Dulce Fernandes de Queiroz, uma descendente de alemães que, em

período de provas escolares, acordava-os todos às 5 horas da manhã para lhes tomar a lição.

Dulce não se fazia inflexível. Deixava que as crianças, cinco meninos e duas meninas, nascidos quase todos em sequência, um após o outro, brincassem e se divertissem, desde que cumpridos os deveres da escola e as tarefas domésticas. Luiz Fernando revezava-se com os mais velhos nas compras do dia a dia. Quando a mãe o mandava ao açougue com um bilhete em que pedia que o pedaço de músculo fosse "especial", queria dizer, em um código entendido pelo comerciante, que se tratava de retalhos tirados de uma bacia, mais baratos e em quantidade suficiente para alimentar toda a família com carne de panela, um prato que ganharia pompa e circunstância nos anos seguintes, porque preparado e temperado com maestria.

Se era a vez da torta de banana, a fruta deveria ser comprada no sábado, próximo da hora do almoço. Esse era o horário que o comércio fechava para o fim de semana e o que restava na banca eram apenas bananas soltas, passadas do ponto, e vendidas pelos trocados que Luiz Fernando levava espremidos na mão direita.

Do pai, presença dominante na casa,

emanavam as ordens e a retidão exigida. Que seguissem todos, sem exceção, o "estilo Alexandre" porque, mesmo ausente na maior parte do tempo, às voltas com as lides jurídicas, ele haveria de saber como se comportavam os "baianos Queiroz", assim chamados em Joaçaba, mesmo que boa parte dos filhos, inclusive Dona Dulce, tivessem nascido em municípios do interior de Santa Catarina, entre eles Luiz Fernando, o único joaçabense de berço. Sim, a cidade era pequena e as paredes tinham olhos e ouvidos.

Como o Dr. Alexandre, baiano ensolarado – filho de Enéas Vasconcelos de Queiroz, engenheiro-chefe da Fiscalização das Estradas de Ferro, como o complexo Madeira-Mamoré –, viria a se casar com uma catarinense, residente no extremo gelado do país e descendente de imigrantes alemães que desembarcaram no Brasil em 1880, foi uma história à parte.

O encontro se deu em um baile de Carnaval em 1939, em Tubarão (SC), para onde Alexandre viera, ainda estudante, em curta viagem de férias, com a intenção de visitar o pai e, de quebra, se encontrar com primos e outros jovens integrantes do círculo de parentes e conhecidos da família.

Quando conheceu Dulce, enebriouse e foi correspondido. Mas as coisas não foram tão fáceis, tampouco rápidas. Alexandre cursava o quarto ano da faculdade de direito em Salvador, a capital baiana, e Dulce rumava para uma carreira no magistério público. Professora de francês, ela também dava aulas de puericultura, uma subdivisão da pediatria que consiste no acompanhamento integral do processo de desenvolvimento infantil. O que era teoria na puericultura foi práxis depois na criação dos sete filhos do casal.

Noivaram em 1940 e, à longa distância, iniciaram uma intensa troca de cartas, que entre sua origem e destino demoravam até 15 dias para chegar. Em março de 1942, Dulce e Alexandre se casaram em Tubarão, e dias depois embarcaram num navio com destino a Salvador. Anos depois, com três filhos e esperando o quarto, a família viria a se transferir da Bahia para Santa Catarina. Alexandre aceitara o convite para ocupar a vaga de promotor público em Joaçaba e via nessa oportunidade uma chance de estabelecer-se.

Até então, o casal havia seguido a regra de dar aos filhos os nomes de parentes próximos em homenagem aos ascendentes. A chegada ao

Queiroz é o quinto dos sete filhos de Alexandre Muniz de Queiroz e Dulce Fernandes de Queiroz, uma descendente de alemães que, em período de provas, acordava-os todos às 5 horas da manhã para tomar-lhes a lição

estado sulista, entretanto, marcaria uma nova fase, com novos laços sociais, de amizades e profissionais, o que se refletiu, até mesmo, na escolha dos prenomes. Luiz Fernando foi batizado assim tendo por inspiração o filho de uma grande amiga e vizinha de Dona Dulce. Trata-se do filósofo, jurista e também joaçabense Luiz Fernando Coelho, autor de "Teoria Crítica do Direito", um clássico que fincou as bases filosóficas da justiça alternativa.

Mensagem a Garcia

Aos 15 anos, cumprida a via sacra do ginásio, que não fora assim tão penosa, Queiroz desembarcaria juntamente com seu irmão La-

faiete, na rodoviária de Curitiba. Daria início a uma jornada curitibana que se prolongaria por décadas. Cursou o ensino médio no Colégio Estadual do Paraná, então chamado de "Clássico", e seguiu em frente na vida de estudante, ingressando na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, quase que simultaneamente, na de Jornalismo da mesma instituição. Antes, ele completara viagem de intercâmbio aos Estados Unidos para aperfeiçoar a fluência na língua inglesa e conhecer a cultura norte-americana, àquela altura prestes a ser desafiada pelo movimento *flower power*. Levara consigo o acordeão, instrumento de foles e teclados, com o qual aparece, ainda adolescente, em foto que circula em álbuns de família e nos livros de memória paranaense, tocando para seus anfitriões.

A mãe ensinara os filhos a encarar desafios e obstáculos por maiores que eles parecessem. Quando Luiz Fernando passou um ano nos Estados Unidos, de fato, enfrentou poucas e boas: dificuldades com a língua, com a cultura e com a vida longe da cidadezinha interiorana, cujas casas, ruas, rostos e praças poderia enumerar, apenas fechando os olhos. Mas lembrava da "Mensagem a Garcia", um jeito peculiar de

Dona Dulce mandar os filhos executar tarefas e resolver problemas sem que fossem necessárias maiores explicações. O nome Garcia fazia referência a uma ordem dada pelo presidente norte-americano William McKinley, líder da Guerra Hispano-Americana no fim do século XIX, ao tenente Andrew Rowan, para que entregasse mensagem ao comandante dos revoltosos, General Calixto Garcia. Rowan cumpriu a missão a todo custo e sem fazer perguntas.

Quando o muro lhe parecia intransponível, Queiroz quase que instantaneamente ouvia a voz da mãe: "Mensagem a Garcia". Era o suficiente para que encontrasse um jeito de lidar fosse com o que fosse.

Em 1968, quando mal ingressara na faculdade, protestos contra a cobrança de mensalidades nas universidades públicas resultaram em uma manifestação gigante no campus do Centro Politécnico da UFPR, localizado no Jardim das Américas. De um lado enfileiravam-se os estudantes, empunhando faixas, bandeiras e cartazes. Do outro, a cavalaria da Polícia Militar, munida de equipamento básico: gás lacrimogêneo, armas, cassetetes e espadas.

Há uma foto emblemática da chamada "Batalha do Politécnico". Mostra o então estu-

dante de medicina José Ferreira Lopes, o "Zequinha", resistindo à investida de um soldado da cavalaria apenas com um estilingue. A imagem rodou o mundo, estampou a primeira página dos diários impressos e ganhou prêmios – um deles o Esso de jornalismo entregue a Edilson Jansen, fotógrafo de "O Estado do Paraná".

Luiz Fernando também estava presente na manifestação e decidira comparecer porque a causa lhe parecia justa. Mas não se apresentava como um militante encarnado. Pelo contrário. Quando os estudantes ainda se aglomeravam no descampado e a polícia cerrava fileiras esperando ordens do comandante do batalhão, Queiroz decidiu que poderia avançar as linhas e oferecer aos soldados o que lhe restara de um pacote de mimosas [tangerinas] comprado de um ambulante. Mal se aproximou e ouviu um grito. Os cavalos avançaram rápido e um soldado, com a espada em punho, acertou-lhe o alto da cabeça. Por sorte, sem consequências maiores, porque o golpe foi dado com a face chata da espada e não com o gume afiado.

Foi o primeiro ano de chumbo da ditadura militar imposta em 1964. Queiroz foi preso e levado para a sede da Polícia Militar, na rua Mal.

Floriano, juntamente com outros manifestantes. Lá foi fichado, como relataria depois, e sua carreira profissional, que mal começava, haveria de ter um horizonte limitado. Por dez anos ficou impedido de tirar passaporte. Além do mais, não poderia prestar concursos públicos. Os cargos de juiz e de promotor não eram uma possibilidade. A porta para a defensoria estava fechada e o que lhe restava mesmo era a advocacia privada.

Novamente, aquele não era um sinal de infortúnio, mas de *buena-dicha*. E nem sequer estava próximo de um fim. Era um recomeço.

Uma Coca-Cola e dois copos

Em sua iniciante carreira de advogado, nos anos 70, Queiroz cumpria uma rotina. Pegava o Fusca, o carro adquirido em longas prestações (consórcio), saía da garagem do prédio, descia a Coronel Dulcídio, seguia pela Vicente Machado, passava pelo sinaleiro da Visconde de Náscar e avançava para a Praça Tiradentes, onde enfrentava o segundo semáforo, percorrendo depois, em linha reta, a Cândido de Abreu até o Fórum Cível no Centro Cívico. Tudo isso em seis minutos. Eram outros tempos.

Especializou-se em direito imobiliário,

uma vertente jurídica pouco explorada naquele tempo, dando início quase que simultaneamente a uma extensa colaboração com os jornais da capital paranaense, escrevendo textos que iam além do universo imobiliário. Àquela altura, os prédios de condomínio começavam a desenhar um novo cenário urbano. A diferença é que, em vez de apontarem para o horizonte, miravam o céu.

Queiroz percebeu o fenômeno e tratou de abordá-lo. Talento não lhe faltava. Os textos de sua autoria já haviam atraído a atenção de um dos diretores da IOB, empresa de informação e consultoria nas áreas jurídica e contábil, que imediatamente o convidou para escrever o TPD-Direito Imobiliário, uma publicação em 15 módulos que atingiria a marca de 40 mil exemplares vendidos.

O TPD – sigla para treinamento programado à distância – era um precursor do método de aprendizagem online, popularizado na era da internet. Os módulos eram enviados pelo correio e atualizados periodicamente, ao sabor das normas legais que pululavam aqui e ali.

Queiroz escreveria, na sequência, o "Guia do Condomínio IOB", um manual de consulta, que se transformaria em livro de cabeceira de síndicos e condôminos ansiosos

Quando o muro lhe parecia intransponível, Queiroz ouvia instantaneamente a voz da mãe em sua cabeça: "Mensagem a Garcia". Era suficiente para que encontrasse um jeito de lidar fosse com o que fosse

por solucionar problemas do dia a dia que passavam longe da convenção e da legislação da época. Posteriormente, ele iria reunir as mais de 700 colunas publicadas ao longo dos anos em livros que fariam da Editora Bonijuris uma referência no setor em todo o país.

Os cheques que recebeu pelo direitos autorais de sua obras na IOB foram suficientes para que ele desse entrada em um novo apartamento para a família. Em 1972, ele se casara com Elin Tallarek de Queiroz, uma estudante de geografia da UFPR que conhecera por meio de acenos. Ele gesticulando da janela de um apartamento mirrado que servia de república de estudantes. Ela respondendo, também com

gestos, debruçada na janela do prédio vizinho.

Queiroz conta que no primeiro encontro dividiu uma Coca-Cola pequena com Elin no bar dos estudantes, próximo à universidade. Depois de casados, sua diversão nos fins de semana se resumia a assistir um filme em cartaz nos cinemas da capital e depois comer um espetinho na praça Osório. "Dessa vez era um espetinho para cada um", narra Queiroz, divertindo-se com o progresso lento e gradual das finanças nos primeiros anos de casamento. Os tempos eram difíceis.

Obsessivo com o tempo, Queiroz costuma cronometrar os minutos que leva de casa para o trabalho e do trabalho para a casa. De carro, ônibus ou a pé. Também é sensível com o ponteiro do relógio durante reuniões e visitas. Almoça em casa em horário que não ultrapassa o meio-dia e meia e fecha o expediente no escritório impreterivelmente às 19 horas. Se pudesse juntaria o tempo perdido de cada dia para guardá-lo em uma caixa. Ele é um crítico da falta de pontualidade em qualquer ocasião, profissional ou social. E costuma pôr à prova essa exigência deixando os impontuais à deriva.

Para o alto e avante

A ascensão de sua carreira no direito imobiliário coincidiu também com a verticalização do espaço urbano de Curitiba e, em especial, dos condomínios. Enfrentando a burocracia que envolve o atraso das obrigações condominiais, ocorreu-lhe a ideia de antecipar o valor das taxas, garantindo a receita dos condomínios e assumindo, ao mesmo tempo, a responsabilidade pela cobrança dos inadimplentes. O modelo foi um sucesso porque preservou a saúde financeira dos condomínios e livrou os proprietários de apartamentos de repartir entre si o prejuízo dos maus pagadores. Assim nasceu a rede de garantidoras que, hoje, espalhada pelas principais cidades do país, se mostra indispensável aos síndicos e à administração condominial.

Ao retratar o casal Queiroz na coleção "Vozes do Paraná" Volume 2, o jornalista Aroldo Murá destacou a importância de Elin nos primeiros anos de casamento. Foi ela quem, ministrando aulas de francês e inglês em cursos de línguas, equilibrou as finanças da casa enquanto o marido testava a si mesmo como empresário e empreendedor.

Queiroz adquiriu, desde os primeiros dias

na capital, o gosto pelas andanças. Era um desbravador de ruas, vielas, bosques e praças. Perdia-se, às vezes, e depois encontrava-se nos cafés, nas galerias que cortavam os edifícios, nas bancas de jornais, nas bancas de frutas e no engraxate.

Fosse a cidade uma orquestra tocando seus metais e Queiroz estaria presente para observá-la ao caminhar por suas vias. Em essência, ele fez do exercício do pedestre, seu modal urbano, a sua terra compacta, o seu caminho marcado.

Nessa prática, ele continua inarredável. Queiroz dedica os sábados ao turismo urbano. Sem traçar um roteiro prévio, mas sempre atento ao relógio que tiquetaqueia em seu bolso, palmilha caminhos nunca dantes navegados, esquadrinha velhos e novos estabelecimentos, trata a memória, conversa com conhecidos e desconhecidos, mede defeitos, explora qualidades.

Em 2019, despediu-se de um café que frequentara durante 40 anos na Galerita Lustoza. Não sem uma lágrima. Era lá que ele se servia da melhor média com leite quente e do pão de queijo diário e obrigatório.

Há quem insista em definir o Dr. Queiroz como um personagem da cidade. De fato. São raras as exceções em que ele abandona o cha-

péu do tipo Fedora (ou Borsalino) o terno completo com gravata.

Resumi-lo dessa maneira, porém, é injusto. Queiroz aprofundou-se no ramo imobiliário, antecipou a verticalização das cidades, o sucesso dos condomínios, defendeu o adensamento populacional e a conjunção residência-trabalho sem separar um do outro por quilômetros e quilômetros de distância.

Quando chamado a contribuir para a vida em condomínio, Queiroz afiou sua pena de jornalista e escreveu mais de 700 artigos, publicados em jornais e revistas que tratavam das normas, das regras e dos conflitos e soluções que envolvem a propriedade coletiva de uso privado e comum.

Fez mais: ao criar a constelação Condomínios Garantidos do Brasil (CGB), reuniu também as empresas garantidoras em uma associação, que se dedica a zelar pelo meio ambiente urbano. Ele adotou Curitiba antes mesmo que a cidade o adotasse, anos depois. Esse sentimento que mistura preservação e memória, modernidade e tradição, resulta no empenho pela recuperação do calçamento urbano, na despichação do espaço público, no plantio de mudas de flores, na revitalização de monu-

mentos e na recuperação de fachadas, trabalho desempenhado por alpinistas urbanos contratados pela ACGB.

A sua filosofia de vida caminha ao lado do estoicismo, próprio do sujeito da pólis ("cidade" em grego), ao mesmo tempo em que se nutre dos ensinamentos de Aristóteles, para quem andar, falar e pensar está intimamente ligado ao caminhar e observar. Queiroz concorda.

Um P.S. necessário

Os cafés em Curitiba fazem parte da história política e social da cidade. Muito antes dos jornais, do rádio e da internet, era nas cafeterias que as notícias vicejavam e davam frutos, sempre a reboque do rumor e, principalmente, da fofoca – esta a base da informação desde o paleolítico. Luiz Fernando de Queiroz é um assíduo frequentador de cafés. Mas não qualquer frequentador. Ele é um profissional. Leigos, novatos, neófitos se restringiriam às cercanias da boca maldita, outrora sede de pugilatos verbais duros, mesmo que respeitadas as regras do Marquês de Queensberry. Queiroz, no entanto, transpõe limites, avança por estabelecimentos, debruça-se sobre balcões, confronta balconistas rebeldes. Sempre guiado pelos pés curiosos do pedestre acidental e pelo aroma irresistível do café listado entre os melhores aromas do

A burocracia envolvendo o atraso das taxas condominiais fez com que lhe ocorresse a ideia de antecipar a receita total do condomínio e assumir, ele mesmo, a cobrança dos inadimplentes

mundo – antes do chocolate, do pão quente, da chuva e do livro novo. Pois sentado à mesa de uma cafeteria localizada à deriva, Queiroz ouve a pergunta de um senhor ao seu lado. Um dia ele enfim irá se aposentar e gozar dos benefícios merecidos da previdência social? A resposta é negativa. "Não seria justo". Então informa ao interlocutor que o produto de sua carreira empresarial já é suficiente para garantir uma vida digna para ele, sua mulher, os filhos e os netos. Quiçá aos bisnetos. Depois desconversa, beberica o café na temperatura ideal e mais não diz.

Marcus Vinicius Gomes

DISCURSO DO CIDADÃO QUEIROZ.

Um passeio de seis décadas

Dr. Queiroz posa com troféu concedido pela Câmara Municipal de Curitiba. Ele esteve no 'time' dos 11 homenageados do ano.

Palavras de Queiroz

São 8 horas da noite. Preparei um discurso de mais ou menos 15 minutos. Lido não ultrapassa 12 minutos e me sobram três para breves comentários. Todos aqui presentes são pessoas amigas, conhecidas, queridas. Por isso, não serei protocolar além do limite que esse momento exige.

Excelentíssimo Sr. Presidente em exercício da Câmara Municipal de Curitiba, Vereador **Osias Moraes**, em nome de quem saúdo todas as pessoas aqui presentes e as que nos assistem à distância [e ao vivo, através do canal desta casa, na internet].

Numa sessão solene como esta, o protocolo e a tradição exigem um discurso formal – de preferência eloquente – de agradecimento por parte de quem foi agraciado com o título de Cidadão Honorário de Curitiba, honraria máxima concedida pela capital paranaense. Espero não decepcionar, mas farei uma manifestação singela, sem arroubos literários, e sem citações eruditas ou pensamentos profundos, como se poderia esperar. Em vez disso, convido vocês para fazermos um breve passeio pelas últimas seis décadas, com breves paradas, aqui e ali, em alguns pontos e momentos memoráveis da nossa jornada.

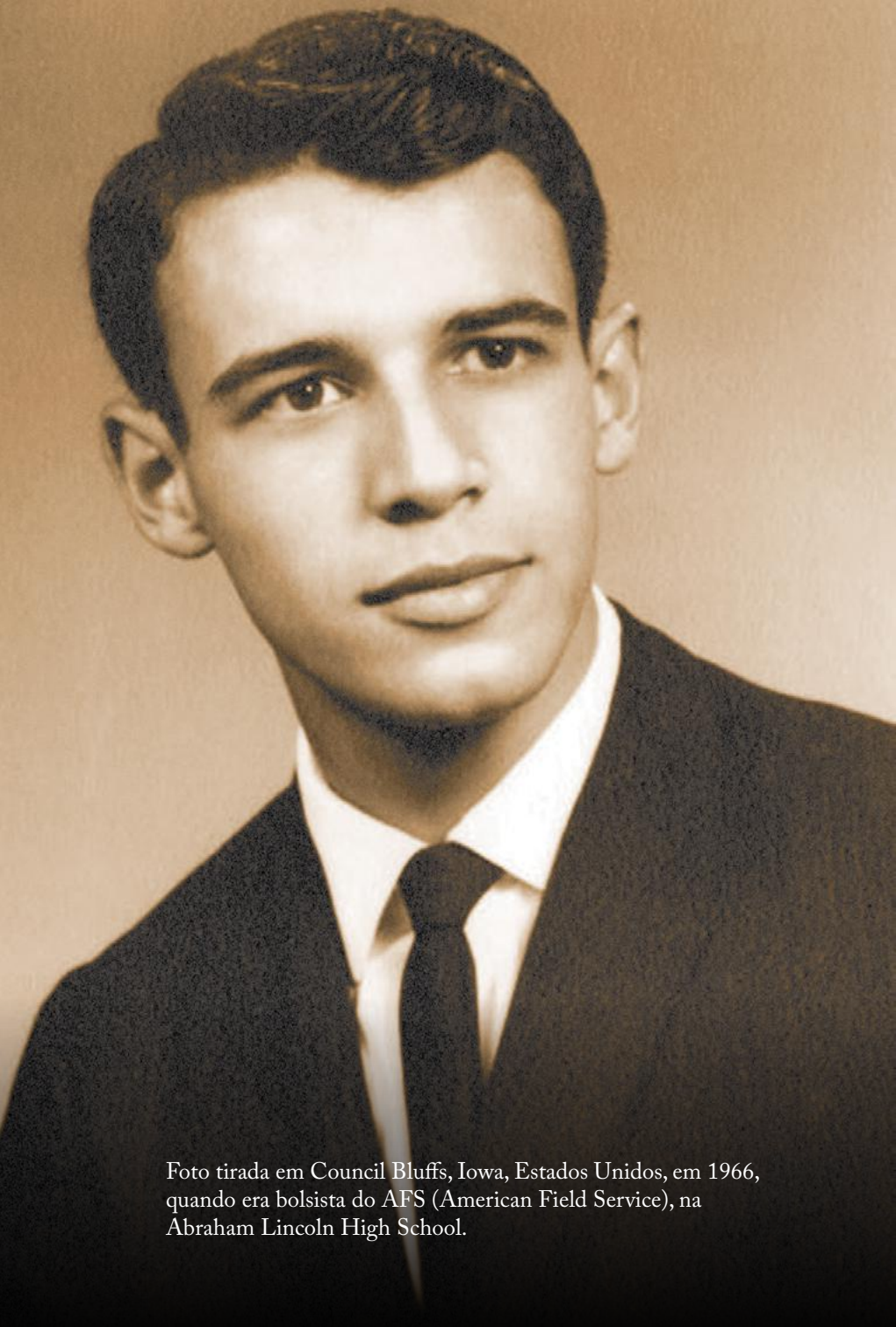


Foto tirada em Council Bluffs, Iowa, Estados Unidos, em 1966, quando era bolsista do AFS (American Field Service), na Abraham Lincoln High School.

Chegada a Curitiba

Já foi mencionado aqui que vim de Joaçaba, Santa Catarina. Cheguei definitivamente em 1964, mas já havia visitado a capital anteriormente. Em uma dessas ocasiões, meu tio José Muniz de Queiroz nos trouxe, eu e meus irmãos, para conhecer a Curitiba pujante.

Nossa primeira parada aconteceu há exatos 60 anos e 3 meses, nos primeiros dias de março de 1964, quando, com 15 anos de idade, vindo de Joaçaba, SC, desembarquei na Estação Rodoviária, ali na rua João Negrão, para estudar em Curitiba, então uma progressista cidade com pouco mais de 400 mil habitantes.

Fui morar com meu irmão Lafaiete (Luiz Lafaiete de Queiroz), a duas quadras desta Câmara Municipal, na pensão da Dona Rita, num velho casarão da rua Barão do Rio Branco, em frente ao Cine Vitória.

Iniciei o ensino médio no Colégio Estadual do Paraná, onde consegui matrícula no Curso Clássico graças ao apoio e influência do professor Luiz Fernando Coelho, também joaçabense, de quem herdei o nome e amizade entre nossas famílias.

Aero Willys 1963. Queiroz soube na hora que precisava de um carro para o teste no Detran. Salvou-o o amigo Ernani Buchmann. "Ele não tinha um carro. Tinha um belo automóvel".

Foto reprodução/Flickr/carros.ig.com.br

Carteira de motorista

Eu não tinha carro e não sabia que para realizar o exame era necessário um carro. Fui salvo por um colega da escola, o Ernani Buchmann. Ele, corajosamente, me emprestou o seu belo automóvel Aero Wyllis vermelho 1963. A data, ele não esquece: 9 de setembro de 1966.

Em agosto de 1966, completei 18 anos de idade. No final de julho, sonhando com minha carteira de motorista, tive três ou quatro aulas práticas de direção com um amigo, nas estradas rurais de Joaçaba. De volta a Curitiba, durante semanas, ao ir para casa numa pensão em frente ao Hospital de Clínicas, ficava observando os alunos de autoescolas que praticavam "baliza" na praça em frente ao Círculo Militar, e ouvindo os instrutores.

No dia marcado para o temido Exame do Detran, na mesma praça, só na hora fiquei sabendo que teria que ter um carro à disposição para fazer a prova. Fui salvo por um colega do Colégio Estadual, o Ernani Buchmann, que, vendo minha aflição, tomou a iniciativa de corajosamente emprestar-me seu belo automóvel.

E foi assim que, sem nunca ter treinado, fiz pela primeira vez uma baliza, com sucesso, o que me garantiu a carteira nacional de habilitação.

Vida de jornalista no Diário do Paraná de Assis Chateaubriand. Corrigindo laudas e checando informações.

Manifestação estudantil

Fui preso durante manifestação estudantil no descampado da UFPR. Era maio de 1968. Há uma cena registrada, no mesmo ano, em que um jovem coloca flores nos canos dar armas dos policiais americanos durante protesto. Eu ofereci mimosas aos soldados e fui agredido.

Depois do vestibular, ingressei na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná, mas tranquei a matrícula por um ano, porque fui convocado para servir no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR, na praça Oswaldo Cruz, onde hoje é o Shopping Curitiba.

No segundo domingo de maio de 1968, na esteira das grandes manifestações estudantis de Paris, participei do protesto nacional organizado pela UNE contra o ensino pago nas universidades públicas. Foi no descampado do Centro Politécnico. De um lado, milhares de estudantes; do outro, centenas de policiais militares.

Quando estava tudo calmo, após comprar um pacote de mimosas, comi algumas, deixei a retaguarda das posições estudantis e me aproximei da linha de frente, pois tinha a intenção de oferecer umas bergamotas para os soldados que pareciam estar descansando.

Em 1968, durante manifestação no campus da UFPR, Queiroz foi agredido e preso pela PM. Não houve processo, mas ele foi impedido de prestar concursos públicos e ficou dez anos sem passaporte (na foto, à dir., Desidério Peron, que presidiu o sindicato dos jornalistas no Paraná)

Quando estava a caminho, de repente os soldados do Regimento Cel. Dulcídio montaram em seus cavalos e investiram contra os estudantes. Pela minha localização, fui um dos primeiros a ser preso. Recebi uma espadada na cabeça, que não deixou sequelas, e fui, como centenas de outros estudantes, levado ao quartel da Polícia Militar, onde nos ficharam e à noite nos liberaram.

Como consequência, fecharam-se para mim as portas do Itamaraty, das Forças Armadas, do Poder Judiciário, do Ministério Público e de qualquer cargo público. Vivíamos, é bom lembrar, os anos de chumbo do Regime Militar implantado no Brasil um mês após minha chegada em Curitiba. Mas nem eu, nem os demais estudantes, sofremos processo criminal sob qualquer acusação.

A mesa do primeiro encontro de Queiroz e Elin revivida em festa de aniversário: uma coca-cola, dois copos e duas horas de bate-papo.

Belos olhos

Não quero falar coisas que vocês já sabem, que está na internet. Cabe ao homenageado um esforço de memória para resgatar passagens pouco conhecidas. Pois foi morando em uma república de estudantes modestíssima, em 1969, que avistei uma galega no prédio vizinho...

Em 1969, já morando na república estudantil de um apartamento de um pequeno prédio na rua Dr. Faivre, durante meses observei o edifício ao fundo, com frente para a rua Francisco Torres. Lá de vez em quando eu via uma galega numa das janelas. Fiquei enfeitiçado pelos belos olhos da rapariga...

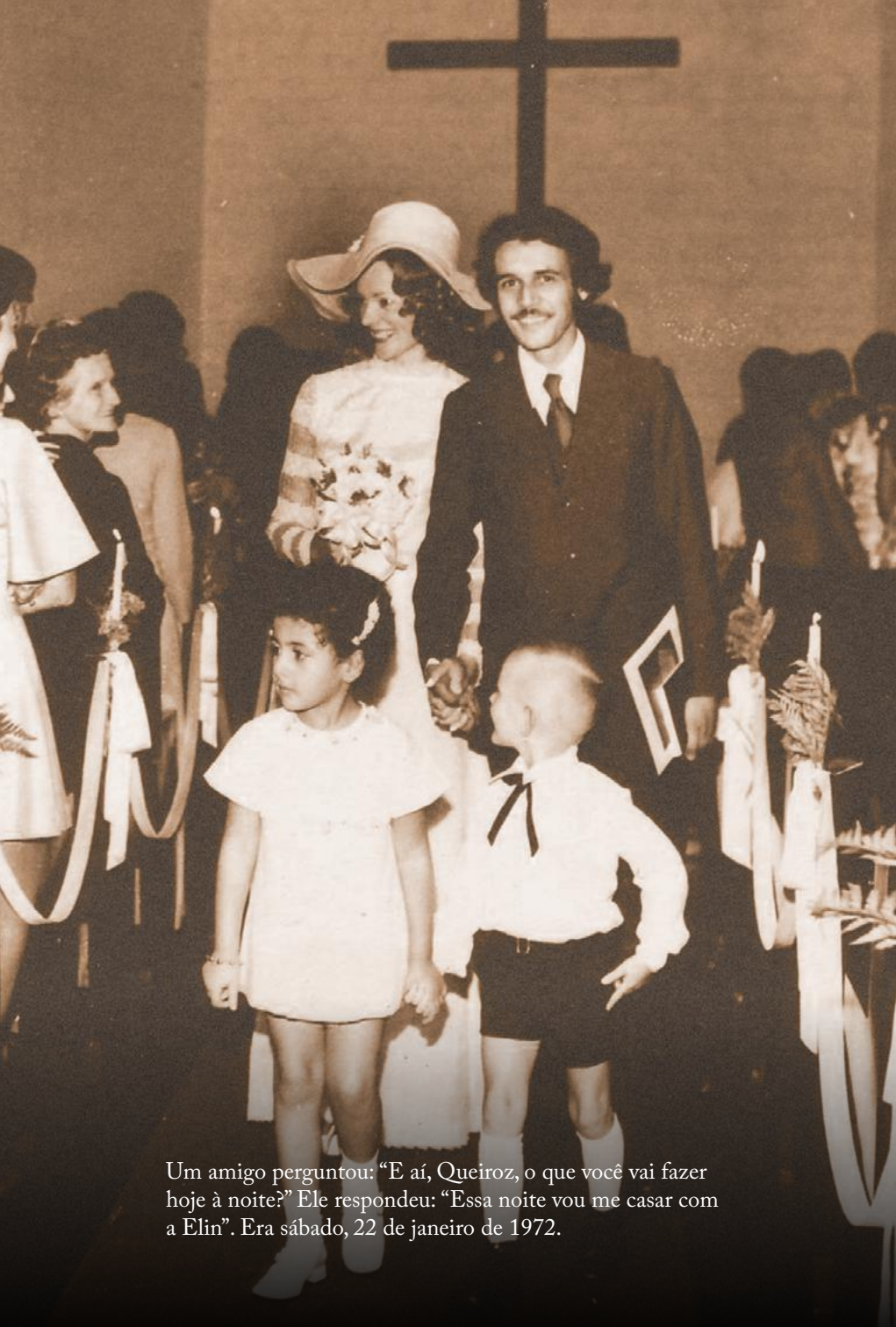
Mas, só em novembro daquele ano, convidei a vizinha para irmos ao cinema. Comecei ali uma amizade com a Elin Tallarek, de São Bento do Sul (SC), que se transformou em namoro, noivado, casamento, filhos, netos e felicidade, até os dias de hoje e, se Deus quiser, por muitos anos ainda.

No mês seguinte, em dezembro de 1969, com 21 anos de idade, comecei a trabalhar pela primeira vez na vida, como repórter do Diário do Paraná, na rua José Loureiro, a convite do professor Carlos Danilo Costa Côrtes, e depois disso nunca mais parei de trabalhar, felizmente.

A cena da coca-cola interpretada por inteligência artificial com (muito) mais requinte. Chamemos de licença poética.

Muitas semanas depois, num sábado à noite, dividi e degustei com a Elin uma Coca-Cola durante duas horas no Bar dos Estudantes, na rua General Carneiro. Quando passamos pelo pequeno jardim que fica embaixo do prédio da Reitoria, roubei da Elin nosso primeiro beijo, o único daquela noite. Eram outros tempos...

Em 2024, no mesmo ano em que o Dr. Queiroz recebeu o título de Cidadão Honorário de Curitiba, ele comemoraria o aniversário de Dona Elin e o primeiro encontro do casal. Desta vez, sim, com mais requinte.



Um amigo perguntou: “E aí, Queiroz, o que você vai fazer hoje à noite?” Ele respondeu: “Essa noite vou me casar com a Elin”. Era sábado, 22 de janeiro de 1972.

Vida de estudante

Com acenos e gestos, porque não havia telefone, email ou celular, comecei uma amizade com a Elin Tallarek, seu nome de solteira, que depois se transformou em namoro, noivado, casamento, filhos, netos e muita felicidade que, se Deus quiser, há de durar por muitos anos.

Durante toda minha vida estudantil em Curitiba, sempre almocei e jantei em restaurantes estudantis. Primeiro no restaurante da UPES (União Paranaense dos Estudantes Secundários). Anos depois, como universitário, no Centro Acadêmico Hugo Simas, da Faculdade de Direito.

Num sábado de janeiro de 1972, almoçando no CAHS, um colega de mesa casualmente me perguntou: "E daí, Queiroz, o que é que você vai fazer hoje à noite"? Ficou com uma cara de espanto quando eu, num misto de calma e orgulho, lhe respondi: "Hoje à noite eu vou me casar com a Elin!!". Foi minha última refeição num restaurante universitário.

O discurso foi preparado para ser lido em 12 minutos, sem contar as pausas e os cacos de improviso. O tempo estourou em muito, mas ninguém percebeu.

Duas promessas

Tenho uma relação pacífica com o relógio e, por conseguinte, com o tempo. Os ponteiros me informam a hora e eu os respeito. Casei-me com a Elin exatamente às 18 horas, sob uma forte chuva. Houve gente que chegou no fim da cerimônia, mas não vou dizer quem foi.

Nosso casamento ocorreu naquele sábado, 22 de janeiro de 1972, na Igreja Luterana da rua Trajano Reis, às 18 horas pontualmente, sob forte chuva.

Na recepção aos convidados, no Clube Concórdia, seguindo uma tradição alemã, muitos convidados fizeram perguntas aos noivos. Questionada se tinha algum desejo especial em relação ao noivo, a Elin solenemente me fez dois pedidos: que "tivesse paciência" com ela e que "não entrasse na política", como meu pai e muitos de meus antepassados. Diante dos 150 convidados presentes, fiz a promessa de atender ao que a Elin solicitou. Por isso, nunca me filiei a qualquer partido político ou me candidatei a qualquer função pública. Nem participei de atividades políticas da OAB do Paraná.

A partir daquele dia, fomos morar no Edifício Apolo, no Alto da XV, no 1º andar de um prédio à prova de enchentes, pois construído sobre pilotis, sem apartamentos no térreo.

Cerca de 100 convidados, entre amigos e parentes, compareceram à homenagem. Ele prometeu a Dona Elin que seria paciente e nunca entraria na política. Cumpriu.

Espetinho de sábado

Com um orçamento curtíssimo, uma de nossas alegrias era o cinema aos sábados, seguido de um espetinho na praça Osório. Uma vez por mês, aos domingos, nos dávamos ao luxo de almoçar no restaurante do banco Badep, no Alto da XV. Era quando nos 'disfarçávamos' de funcionários.

Nos primeiros anos da vida de casados, com orçamento ainda curto, uma grande alegria era ir ao cinema na sessão das 20 horas, aos sábados, e depois comer um espetinho (um para cada) na praça Osório ou em outro ponto do Centro, antes de voltar para casa.

Uma vez por mês, sempre num domingo, nos dávamos ao luxo de almoçar fora. Íamos quase sempre ao restaurante da Associação dos Funcionários do Badep (Banco de Desenvolvimento do Paraná), no Alto da Rua XV, onde a comida era ótima e o preço acessível (subsidiado). Nunca ninguém nos questionou se éramos associados ou não, felizmente.

Um ano depois do nascimento da Luise (Luise Tallarek de Queiroz), em 1974, nos mudamos para um apartamento no Ed. Sabará, na rua Cel. Dulcídio, adquirido em 120

Elin e Queiroz assistem a um vídeo produzido especialmente para o evento: alegria e emoção.

prestações mensais pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH), num tempo em que o prédio não tinha portão eletrônico nem grades em qualquer lugar.

Quase diariamente, eu ia ao Fórum Cível, no Centro Cívico.

Nos primeiros anos de advocacia, Queiroz foi convidado pela IOB, de São Paulo, a escrever os 15 módulos de direito imobiliário para treinamento à distância. Com o cheque de direitos autorais, assumiu as prestações do apartamento onde ainda mora.

Direito imobiliário

Hoje eu preciso de 30 minutos para sair do prédio onde moro, na Avenida Guarapuava, e chegar ao Centro Cívico. Mas não era assim. Os primeiros dez anos como advogado foram de muito trabalho e razoável, para não dizer pouco, retorno financeiro. Foi assim que busquei um lugar ao sol.

Os primeiros dez anos como advogado, foram de muito trabalho e razoável retorno financeiro. Para conseguir um lugar ao sol (sem poder seguir carreira pública ou política, como disse), tornei-me um advogado especializado em Direito Imobiliário. E passei a escrever uma coluna sobre o tema, que era publicada ora num jornal, ora noutro.

Algumas delas chegaram a um dos diretores da empresa IOB-Informações Objetivas em São Paulo, que veio a Curitiba para convidar-me a escrever o TPD-Direito Imobiliário, o que fiz em 15 módulos, junto com meu primeiro colega de escritório, Lauro Laertes de Oliveira, hoje ilustre desembargador do Tribunal de Justiça do Paraná.

Enquanto escrevia o TPD – Treinamento Programado à Distância, pude apreciar do

Sufocado com a burocracia do escritório de advocacia, que lidava com cobranças de condomínio, Queiroz teve uma ideia: adiantaria a receita da taxa condominial e assumiria o risco. Assim nasceram as empresas garantidoras.

10º andar do Ed. Bantiba, na esquina das Marechais, o famoso Carnaval curitibano de 1977.

O nascimento do André (André Zacarias Tallarek de Queiroz), em dezembro daquele ano, coincidiu com o mês em que recebi meu primeiro cheque de direitos autorais da IOB, os quais me permitiram assumir as prestações de um novo apartamento, num prédio construído à prova de ciclones e terremotos pelo engenheiro Gustavo Berman.

Queiroz exibe troféu entregue pela Câmara de Curitiba ao lhe conceder o título de Cidadão Honorário.

Garantia de condomínio

Quando o serviço administrativo do escritório estava exigindo mais tempo que o trabalho efetivo na advocacia, encontrei uma solução: adiantaria ao condomínio os valores das despesas condominiais e assumiria o risco do negócio. Foi o 'start' para as garantidoras.

No início da década de 1980, quando o serviço administrativo do escritório estava exigindo mais tempo do que o trabalho efetivamente jurídico, encontrei uma solução: adiantar ao condomínio, uma vez por mês, os valores que tinha a receber e juntar o risco do negócio, o que reduziu drasticamente a burocracia. O "Contrato de Assessoria Jurídica com Prestação de Contas Antecipadas" foi a ideia seminal da Garante Serviços de Apoio Ltda., aberta em março de 1982, primeira empresa do Brasil dedicada à antecipação de taxas de condomínio.

Em outra iniciativa, em 1989, junto com o representante comercial Gerson de Morais Garcez, começamos a venda de disquetes com a jurisprudência dos tribunais. Hoje a Editora Bonijuris é responsável pela publicação da Revista Bonijuris (com circulação ininterrupta há 35 anos), da Revista Judiciária do Paraná e da Revista Direito & Condomínio.

Na foto, Queiroz ergue o certificado que oficializou a sua condição de curitibano "por adoção". Em 2000, inspirado em Confúcio, ele criou uma associação de zeladoria urbana: "Se queres morar em uma cidade limpa,
comece varrendo a frente de sua casa".

Uma tarde inspiradora

Um dia, já residindo no prédio da Visconde de Guarapuava, vi o coronel Ney Taborda de Andrade, meu vizinho, atravessar a via pública até o canteiro central e salvar uma pequena árvore que não fora plantada corretamente. Era uma demonstração de zelo pelo meio ambiente urbano.

Num sábado outonal da década de 1990, já residindo no Edifício Paul Cèzanne, na Avenida Visconde de Guarapuava, da sacada do 9º andar vi o Coronel Ney Taborda de Andrade, vizinho do 7º andar, atravessar resoluto a avenida com um pau, um martelo grande e uma corda.

Fiquei intrigado, quase preocupado. Do outro lado da rua, martelou com força a estaca e nela amarrou uma frágil árvore, uma árvore-criança, que duas ou três semanas antes fora derrubada e ali jazia fadada a morrer.

Com este gesto singelo, mas grandioso, o Coronel Ney me convenceu de que cada um de nós, do seu modo e quando for preciso, pode melhorar o lugar onde vive, cumprindo com o preceito de Confúcio, de que "se queres morar numa cidade limpa, comece varrendo a frente da sua casa". A árvore salva está lá até hoje, ereta, com cerca de 20 centímetros de diâmetro.

O título de Cidadão Honorário de Curitiba ao Dr. Queiroz foi de iniciativa do vereador Osias de Moraes, então presidente interino da Câmara.

Um dia desafiador

O escritório de uma das nossas empresas de cobrança foi assaltado. Ao fazer o boletim de ocorrência fui até a delegacia e fiquei chocado com o estado lastimável do prédio. Foi assim que a ACGB começou também a trabalhar em prol da comunidade, recuperando fachadas e muros.

Outro sábado marcante ocorreu no ano de 1997, quando o escritório de uma das empresas de cobrança foi assaltado, no Centro de Curitiba. Vivíamos ainda uma época em que o pagamento das taxas de condomínio era feito normalmente em dinheiro, in loco.

Para fazer o boletim de ocorrência fui até a delegacia de furtos e roubos, no alto da rua Vicente Machado, e fiquei chocado com o estado lastimável do prédio onde funcionava. Imaginando que poderia ter de voltar lá mais de uma vez, começamos ali o primeiro trabalho em favor da coletividade, contratando um pintor solidário para melhorar o visual daquela especializada.

Detalhe: nunca mais precisei voltar àquela ou a outra delegacia, para fazer um BO, porque, com os novos tempos (pagamentos eletrônicos), o dinheiro vivo "desapareceu" e nenhum escritório mais foi assaltado.

Sofia Digner de Queiroz, neta do Dr. Queiroz, foi escolhida para entregar placa comemorativa ao avô, na noite especial.

ACGB em ação

Para cada mil pessoas que defendem a natureza, há apenas uma que defende o meio ambiente urbano. Digo isso de uma maneira intuitiva, sem me basear em estatísticas. É no meio ambiente urbano que as pessoas moram, onde a população se concentra, onde a maioria trabalha.

Em maio do ano 2000, para organizar melhor o trabalho de despichação e pintura, criamos a Associação dos Condomínios Garantidos do Brasil, mais conhecida como ACGB-Vida Urbana ou simplesmente ACGB.

A entidade foi fundada com um único propósito: a melhoria do meio ambiente urbano.

Sua principal área de ação é o Centro de Curitiba, onde funcionam alguns dos nossos escritórios. Hoje com 15 zeladores de vizinhança, tem atuado também no entor-no de escolas e condomínios. É totalmente custeada por algumas das garantidoras, não recebe verbas públicas e nada cobra dos beneficiados.

Por seu eficiente trabalho em prol do meio ambiente urbano, ou seja, o lugar onde as pessoas moram e trabalham, tem recebido muitos elogios e agradecimentos.

Palavras do Dr. Queiroz: “Espero abrir novas empresas, dando oportunidade para que mais pessoas participem da nossa difusa rede de trabalho e prosperidade”

Curitiba sempre

Pretendo continuar minha vida como cidadão, mas quero deixar registrada minha admiração por aqueles que fazem da política o seu ofício. Curitiba é, sem dúvida, uma das melhores cidades do mundo. Seja para visitar, para estudar, para trabalhar, para viver e, principalmente, para amar.

Antes de encerrar, gostaria de manifestar minha profunda admiração por pessoas que, como Vossa Excelência, Vereador Osias Moraes, e os nobres representantes do povo curitibano, estão sempre sob os holofotes, inclusive em sua vida privada, por se dedicarem às causas de interesse público.

Por isso, ser reconhecido pela elite dos políticos da capital paranaense com o título de Cidadão Honorário de Curitiba é a maior honra que eu poderia receber, pela qual sou e serei sempre muito grato. Divido o mérito e – se aceitarem – a responsabilidade desta homenagem com todas as pessoas que me veem e me ouvem.

E enquanto Deus permitir, espero abrir novas empresas, dando oportunidade para que mais pessoas participem da nossa difusa rede de trabalho e prosperidade. Juntos, va-

Dr. Queiroz, ao fundo, é aplaudido por componentes da Mesa ao encerrar seu discurso: “Quero deixar registrada minha admiração por aqueles que fazem da política o seu ofício”.

mos cuidar com carinho do meio ambiente urbano da capital que me acolheu – e nos acolhe – de braços abertos.

Por ter aqui vivido 80% dos meus dias (60 dos meus 75 anos), e por conhecer outros países, posso assegurar com convicção que Curitiba é, sem dúvida – e espero que continue a ser – , uma das melhores cidades do mundo para visitar, estudar, trabalhar, viver e amar.

Muito obrigado,

Luiz Fernando de Queiroz
Curitiba, 4 de junho de 2024
(20h40min)

ÁLBUM DE FOTOS.

4 de junho de 2024

Fachada principal do prédio histórico da Câmara Municipal na noite em 4 de junho de 2024.

MUNICIPAL

A família: À esquerda, o filho André Queiroz, ao lado da esposa Halline Digner de Queiroz e das filhas Sofia e Julia. Queiroz e Elin estão à direita.

Foto tirada da galeria da Câmara Municipal de Curitiba durante discurso do homenageado. No telão, a imagem do Dr. Queiroz aparece em destaque.

Sessão Solene - Cidadania Honorária
LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ
Cidadão Honorário de Curitiba
CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA

Visão geral da Câmara Municipal de Curitiba onde Queiroz recebeu a homenagem: 60 anos dedicados à cidade.

SIGA NOSSO INSTAGRAM
E SE POSTAR ALGUMA FOTO
NOS MARQUE!

Familiares, sócios, funcionários e amigos estiveram presentes na solenidade, que foi transmitida ao vivo no canal da Câmara no YouTube.

Câmara Municipal de Curitiba
Sessão Solene - Cidadania Hon
LUIZ FERNANDO DE QUE
Cidadão Honorário de Curitiba

Na foto histórica, incluída neste álbum a pedidos, Elin manipula o fantoche feito em homenagem a Queiroz, na festa dos seus 60 anos: lembrança para a vida.

À esquerda, o vereador Osias Moraes, proponente da homenagem, ao lado da esposa, seguido por Queiroz, Elin, André e Halline. Para o novo curitibano, a certidão e o troféu.

04/06/2024
20:03
Cidadão Honorário de Curitiba
Luiz Fernando de Queiroz

Queiroz durante coquetel promovido no anexo da Câmara Municipal de Curitiba após a homenagem. À direita, o desembargador Joatan Marcos de Carvalho, junto com Heitor de Andrade

NA TRIBUNA DA CÂMARA.

Para o novo cidadão

A iniciativa da homenagem coube ao vereador Osias Moraes, à época presidente interino da Casa

‘Só quem vai além pode ser homenageado nesta casa’

OSIAS MORAES PRESIDENTE DA CÂMARA DE VEREADORES (interino).

É com grande honra que estamos aqui reunidos para celebrar e saudar o mais novo Cidadão Honorário de Curitiba, Dr. Luiz Fernando de Queiroz, mais conhecido como Dr. Queiroz. Na verdade, Dr. Queiroz, todo mundo o conhece, o estima e agradece por sua vida todos os dias. Tenho certeza que aqueles que carregam dentro de si a fé, agradecem também por sua existência. Essa homenagem é um reconhecimento merecido a uma personalidade cuja trajetória e dedicação à nossa cidade é verdadeiramente inspiradora. Dono de uma visão inovadora, empreendedor nato, o Dr. Queiroz tem deixado uma marca indelével em diversas áreas. Proprietário de garantidoras de condomínio espalhadas por todo o país, ele não se contentou apenas em construir e contribuir com o setor imobiliário. Foi além. E só uma pessoa que vai além pode ser homenageada nesta casa. Só

uma pessoa que supera adversidades, supera dificuldades, que supera a si mesmo ao sair do lar paterno para encarar os desafios de uma cidade grande, só uma pessoa do tamanho do Dr. Queiroz pode ser homenageada nesta casa. Alguém que de fato contribuiu para a melhoria e o crescimento de Curitiba. Por isso Vossa Senhoria, Dr. Queiroz, está sentado aqui e é merecedor de tudo o que será dito e realizado aqui nesta noite [4 de junho de 2024]. O Dr. Queiroz fundou a Associação dos Condomínios Garantidos do Brasil (ACGB), uma entidade sem fins lucrativos que se dedica ao zelo urbano. É assim que Curitiba se torna mais acolhedora e bem cuidada. Dr. Queiroz, parabéns. Os urbanistas e autoridades com quem converso sabem da importância do Dr. Queiroz, do homem de visão além de sua época. Nascido em Joaçaba, Santa Catarina, no dia 13 de agosto de 1948, Luiz Fernando de Queiroz se mudou para Curitiba em 1964 para cursar o ensino médio no Colégio Estadual do Paraná. Sua formação é vasta. Graduado em Letras e Inglês, Jornalismo e Direito pela Universidade Federal do Paraná, o Dr. Queiroz é um advogado de renome, especializado em direito imobiliário. Na semana em que assumo inte-

rinamente a presidência da Câmara Municipal de Curitiba, tenho a honra de homenagear o Dr. Queiroz, um empresário incansável, dedicado ao desenvolvimento e à melhoria de nossa cidade. Dr. Queiroz, seu legado é um valioso patrimônio que perdurará por gerações. Por onde passa, o senhor gera frutos, o senhor multiplica. Parabéns, Dr. Luiz Fernando de Queiroz. Muito obrigado por tudo o que o senhor tem feito por nossa cidade. Essa noite é dedicada ao senhor e à sua história. Essa homenagem irá ficar nos anais desta casa e na história de Curitiba. Trata-se de um homem, de um pessoa de caráter moral e ético, pai de família. Uma pessoa que deve ser copiada por muitas gerações. Parabéns, Dr. Queiroz, hoje é o seu dia.

A sugestão coube ao empresário Heros Holub Sandano.

‘Dr. Queiroz, hoje Curitiba está fazendo a sua adoção oficial’

HEROS HOLUB SANDANO
REPRESENTANTE DA
SOCIEDADE CIVIL.

Doutor. Queiroz, se me permite chamá-lo assim, Vossa Senhoria é o mais novo conterrâneo dos cidadãos curitibanos. Uma história que começa em 1964, quando, muito jovem, o senhor veio de Joaçaba, Santa Catarina, para Curitiba, onde viria a estudar no histórico Colégio Estadual do Paraná. É uma honraria muito grande poder tecer algumas palavras sobre esse momento muito especial nesta casa de leis do povo curitibano. Dr. Queiroz, hoje a Câmara Municipal de Curitiba e, por que não dizer o povo desta cidade, está fazendo a sua adoção oficial. Parabéns. Senhor presidente desta casa, vereador Osias Moraes, meus parabéns pelo reconhecimento e pela proposição de cidadania. Vossa Excelência sabe que é preciso ter muita sensibilidade na entrega desse título. Encontramos nesta capital imigrantes vin-

dos da Europa, da Ásia, da África, das Américas. E migrantes vindos de outros estados. São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, do norte e nordeste do Brasil e, aí em especial, da bela Santa Catarina. Curitibanos são moldados pela história, pela cultura e pelos princípios desse caldeirão de povos ancestrais. O Dr. Queiroz, agora adotado oficialmente como cidadão curitibano, é um exemplo de caráter e coragem. Não irei discorrer sobre as várias lutas e grandes desafios que Vossa Senhoria, Dr. Queiroz, enfrentou por décadas. Quero apenas discorrer sobre suas qualidades de empreendedor. O economista austríaco John Schumpeter foi, na primeira metade do século passado, um dos primeiros estudiosos da ciência econômica a considerar as inovações tecnológicas como maior fator de desenvolvimento capitalista. Segundo Schumpeter, empreender é a capacidade de correr riscos, de ser resiliente, de ser persistente, de ser criativo, de resolver problemas, de desejar aprender, de ser comprometido, de ser responsável. O empreendedor é aquele que trabalha pela introdução de ovos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recur-

sos minerais, escreveu Schumpeter em seu livro "Capitalismo, Socialismo e Democracia". Schumpeter afirmou que o empresário é uma figura que se distingue na sociedade por ser portador de uma energia e capacidade de realizar coisas novas que não estariam presentes de maneira difundida entre a população. Muitos são os frutos de sua ação empreendedora. Pessoas, famílias, destinos, transformações, desenvolvimento e prosperidade incontáveis integram a história das populações condominiais de Curitiba que sobreviveram e prosperaram devido aos serviços prestados pelas empresas garantidoras de condomínio. A cobrança garantida é uma ideia genial. Dr. Queiroz. E partiu de Vossa Senhoria, um empresário diferenciado, um homem que já guardava no peito um coração curitibano, a iniciativa que se tornou um paradigma na prestação de serviços condominiais. Parabéns. A palavra de Deus estabelece em Coríntios 10:31 a norma para que cada um administre aos outros. É o que o senhor tem feito. Muito obrigado.

CIDADÃO HONORÁRIO DE CURITIBA.

Lista de homenageados em 2024

Luiz Fernando Tomasi Keppen

Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná (2023-2024)

Nascido em 24 de março de 1961, em União da Vitória (PR), Keppen é bacharel em direito, formado pela PUC do Paraná, e mestre em direito das relações sociais pela UFPR. Foi o criador e coordenador do projeto de resolução alternativa de conflitos do Juizado Especial de Curitiba. Tomou posse como desembargador em 2013.

(Em 22 de março de 2024 por iniciativa do vereador Bruno Pessuti)

Bruce Dickinson

Vocalista do Iron Maiden, banda de heavy metal britânica

Nascido em 7 de agosto de 1958, em Nottinghamshire (Inglaterra), Paul Bruce Dickinson registra duas passagens pela banda Iron Maiden: de 1991 a 1993 e depois de 1999 até os dias atuais. Fora da vida musical, Dickinson exerceu uma série de atividades. Entre elas a de piloto comercial e radialista. Ele também é escritor e roteirista.

(Em 23 de abril de 2024 por iniciativa dos vereadores Eder Borges e Nori Seto)

Waldemar Miguel Junior

Presidente da rede Nacional Inn de hotéis

Nascido em 16 de junho de 1951, no município de Serrania (MG), Miguel Junior começou suas atividades no mundo do comércio quando, ainda criança, vendia laranjas no campo de futebol. Formado em Química Industrial, ele preferiu se unir aos irmãos para investir no ramo hoteleiro. Deu certo. O empresário é casado com Katia Koba, com quem tem quatro filhos.

(Em 23 de abril de 2024 por iniciativa dos vereadores Tito Zeglin e Sabino Picolo)

Luciana Saito Massa

Primeira-dama do Paraná

Filha de mãe japonesa e pai português, Luciana nasceu em Registro (SP). Ela preside o Conselho da Superintendência Geral de Ação Solidária do Paraná e foi a idealizadora do Criança Feliz, projeto destinado à construção de creches destinadas a crianças de 0 a 3 anos. Luciana é casada com o govenador do Paraná, Ratinho Jr., com quem tem três filhos: Alana, Yasmin e Carlos Massa Neto.

(Em 29 de abril de 2024 por iniciativa do vereador Professor Euler)

Thaty Gimenez

Presidente da Solumedi

À frente da Solumedi, empresa de serviços de saúde que permite o agendamento de consultas médicas e exames particulares com valores reduzidos, Tatiane Letícia Gimenez – Thaty, como é conhecida – nasceu em Campo Mourão, no interior do Paraná. Além de presidir a empresa, hoje com 2 milhões de usuários em todo o Brasil, ela compõe comitê que visa destacar empresas e marcas de beleza no país.

(Em 14 de maio de 2024 por iniciativa do vereador Jornalista Márcio Barros)

Beatriz Spindler

Promotora do Ministério Público do Paraná

Natural de Maringá, cidade da região norte do Paraná, Beatriz Spindler de Oliveira Leite foi aprovada no concurso do Ministério Público do estado em agosto de 2002 mesmo ano em que concluiu o curso de direito na PUC do Paraná. Pós-graduada em direito público pela UFPR, ela trabalha há uma década com a proteção integral de crianças e adolescentes.

(Em 16 de maio de 2024 por iniciativa do vereador Sidnei Toaldo)

Luiz Fernando de Queiroz

Advogado, jornalista e empresário

Nascido em 13 de agosto de 1948, em Joaçaba (SC), Queiroz é formado em direito e jornalismo pela UFPR. Na década de 1980, atuando no ramo do direito imobiliário, ele criou a Garante Serviço de Apoio, primeira empresa especializada na antecipação da receita condominial, a fim de assegurar a saúde financeira de prédios residenciais e comerciais. É editor-chefe da Bonijuris e fundador da ACGB, associação voltada à zeladoria urbana.

(Em 4 de junho de 2024 por iniciativa do vereador Osias Moraes)

Helio Pereira Cury

Ex-presidente da Federação Paranaense de Futebol

Originário de São Paulo, capital, Cury se transferiu para Curitiba ainda adolescente, atuando no mercado de valores e, posteriormente, administrando uma loja de produtos esportivos no centro da cidade. Em 2007, depois de ocupar cargo na administração de Beto Richa, foi eleito presidente da FPF, onde permaneceu por 16 anos, até 2023.

(Em 11 de junho de 2024 por iniciativa dos vereadores Sabino Picolo, João da 5 Irmãos, Jornalista Márcio Barros, Mauro Bobato, Mauro Ignacio, Nori Seto, Rodrigo Reis, Sidney Toaldo, Tito Zeglin e Sargento Tânia Guerreiro)

Domingos Tarço Murta Ramalho

Presidente da Associação dos Amigos do HC

Mineiro, nascido no município de Virgem da Lapa, em 14 de outubro de 1942, Ramalho foi funcionário do Banco Central, aprovado no primeiro concurso da autarquia federal, ocupando depois altos cargos em instituições bancárias, entre elas o de presidente do Banestado. Formado em administração, ele dirige a Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas desde 2022.

(Em 14 de novembro de 2024 por iniciativa dos vereadores Sabino Picolo, Mauro Bobato, Bruno Pessuti, Tico Kuzma, Herivelto Oliveira, Jornalista Márcio Barros, Rodrigo Reis e Tito Zeglin)

Luislinda Dias de Valois Santos

Ex-ministra dos Direitos Humanos

Filha de um motorneiro de bonde, Luislinda nasceu em Salvador, na Bahia, em 20 de janeiro de 1942. Ela tornou-se juíza de direito em 1984 e foi autora da primeira sentença de condenação por racismo no país, na década seguinte. Durante o governo de Michel Temer, ocupou o cargo de ministra dos Direitos Humanos. É autora do livro "O Negro no Século XXI" e membro da Academia de Letras José de Alencar.

(Em 14 de novembro de 2024 por iniciativa da vereadora Maria Letícia)

José Lúcio Glomb

Advogado, ex-presidente da OAB-PR

Nascido em 30 de agosto de 1951, na cidade catarinense de Porto União, Glomb formou-se em direito pela UFPR, atuando principalmente na área trabalhista e previdenciária. Foi presidente da Associação dos Advogados do Paraná em duas ocasiões, ocupando depois a presidência da seccional da OAB no Paraná e o conselho federal da entidade. É casado com a advogada Suely Schroeder Glomb, com quem tem três filhos. Todos advogados.

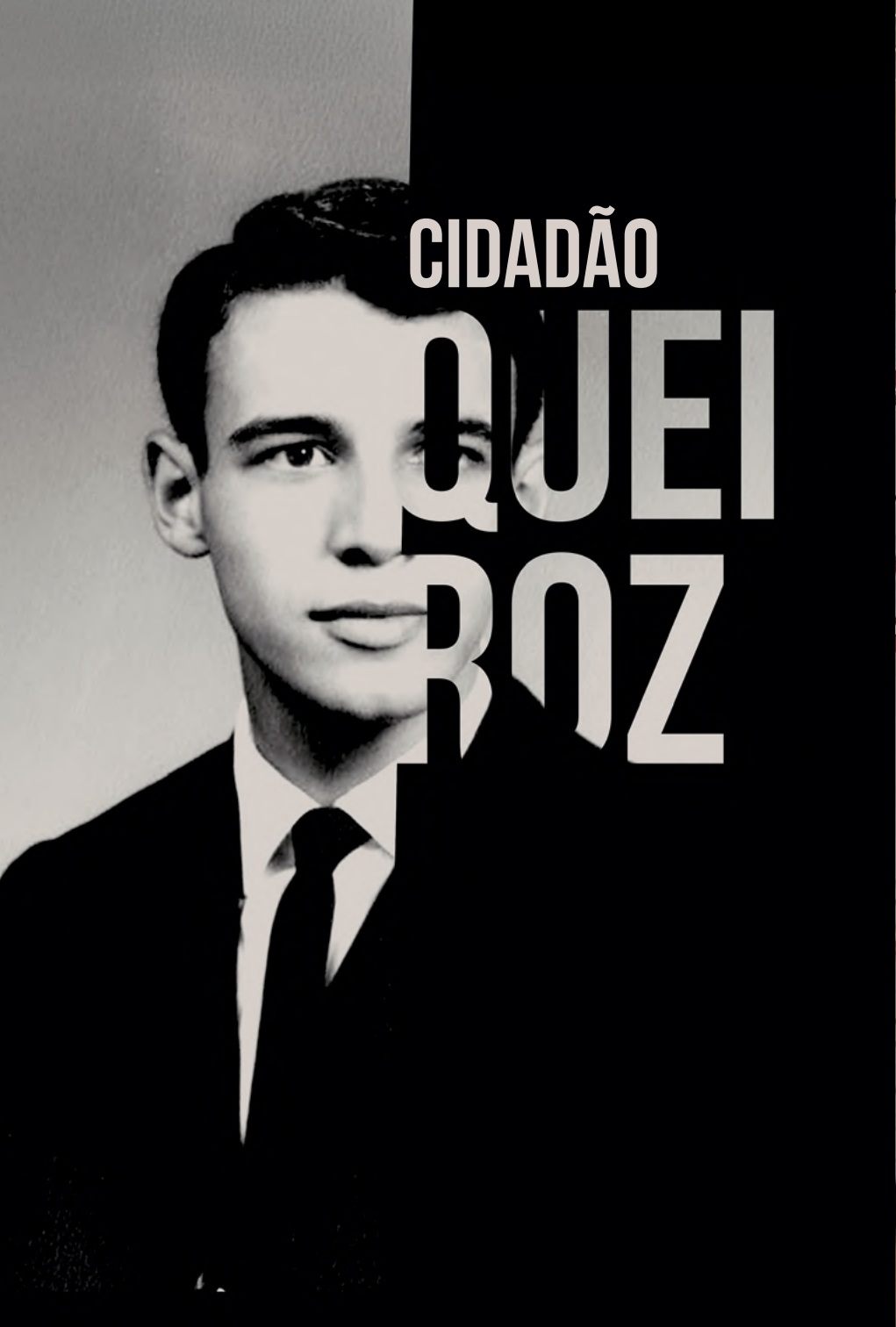
(Em 26 de novembro de 2024 por iniciativa do vereador Rodrigo Reis)

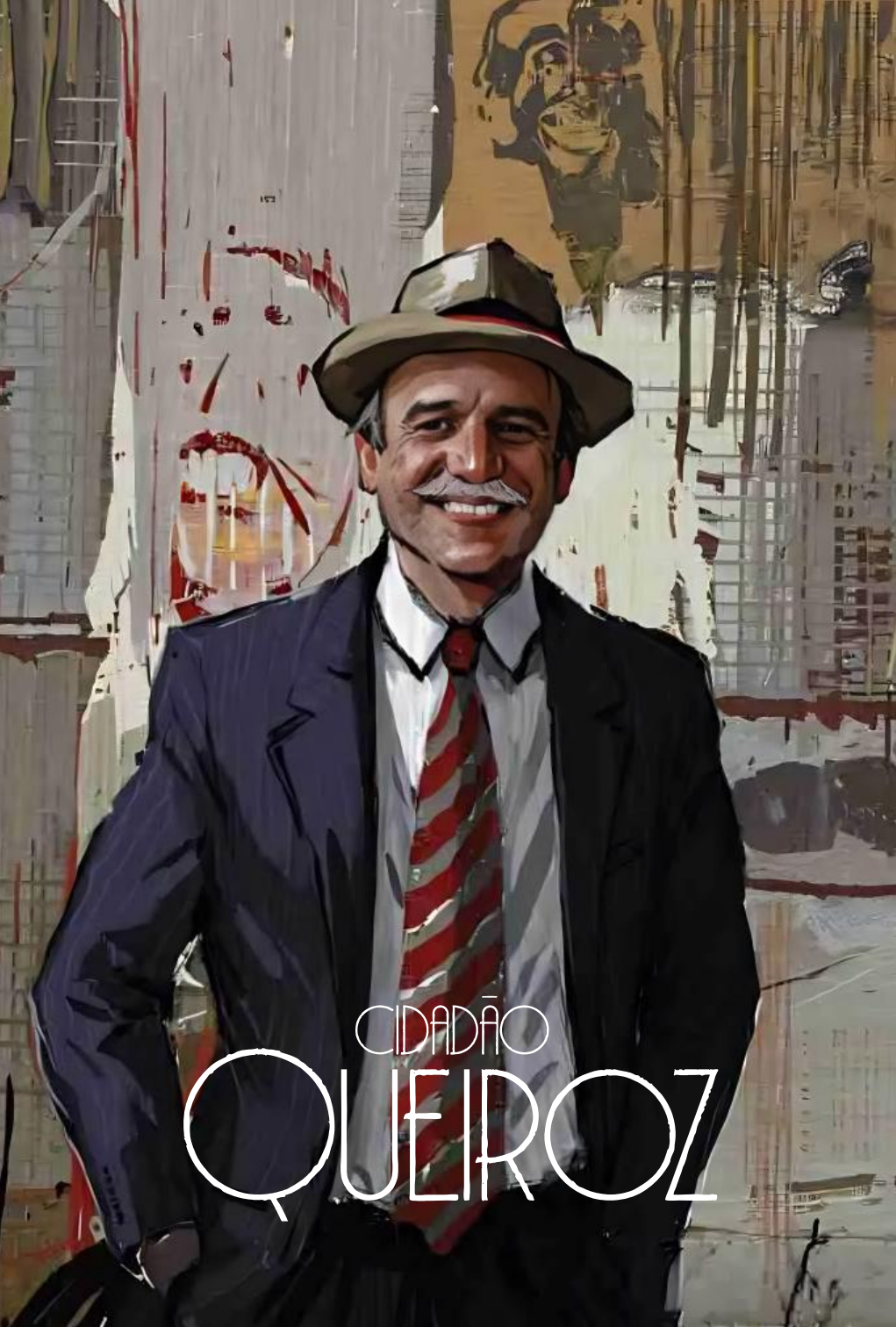
TRAÇOS FINAIS.

Artes da capa

Juliana Azevedo

CIDADÃO QUEIROZ


CIDADÃO
QUEI
ROZ


CIDADÃO
QUEIROZ

© Copyright 2025, Agência Expresso Ltda.

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e do autor.

CIDADÃO QUEIROZ – 2025

Autor (Edição e apresentação)
MARCUS VINICIUS GOMES

Capa e projeto gráfico
JULIANA DE AZEVEDO

Diagramação
ACIR NADOLNY

Impressão
GRÁFICA OPTAGRAF

Fotografias
CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA / CGB / ARQUIVO DE FAMÍLIA

Número de palavras
9.451

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gomes, Marcus Vinicius
Cidadão Queiroz : um novo curitibano / Marcus Vinicius Gomes. – Curitiba, PR : Expresso Editora, 2025.

ISBN 978-65-986583-0-4

1. Advogados – Biografia 2. Genealogia 3. Histórias de vida 4. Memórias 5. Queiroz, Luiz Fernando de I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Advogados : Biografia 347.965(092)

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

AGÊNCIA EXPRESSO LTDA.
Rua XV de Novembro, 556, 16º andar (1602)
80020-310 – Galeria Lustoza – Curitiba, PR, Brasil
expressoeditora@gmail.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares
Preço do exemplar: **R$ 60,00**

Câmara Municipal de Curitiba
Luiz Fernando de Queiroz
Cidadão Honorário
JUNHO DE 2024
Osias Moraes
Presidente

Marcelo Fachinello
Presidente

Expresso

ISBN: 978-65-986583-0-4